



18 OUT 26

**TRIO «FANTASMA»
DE BEETHOVEN
TRIO ARKADIA**

**ARTES
PERFORMATIVAS**

Temporada 2026/2027

Centro Cultural de Belém

Ciclo Concertos Comentados / Música de Câmara

Pequeno Auditório

Dom, 11h

+6

Duração aproximada: 60 min

Concerto comentado por **Alexandre Delgado**

Trio «Fantasma» de Beethoven

TRIO ARKADIA

PROGRAMA

Ludwig van Beethoven (1770—1827)

Trio para Piano, Violino e Violoncelo em Si bemol maior,
Op. 11 «Gassenhauer»

I. *Allegro con brio*

II. *Adagio*

III. *Tema con variazioni: «Pria ch'io l'impegno» – Allegretto*

Ludwig van Beethoven

Trio para Piano, Violino e Violoncelo em Ré maior,
Op. 70, n.º 1 «Fantasma»

I. *Allegro vivace e con brio*

II. *Largo assai ed espressivo*

III. *Presto*

Trio Arkadia

Violino **José Pereira**

Violoncelo **Marco Pereira**

Piano **José Pedro Ribeiro**

Produção **Centro Cultural de Belém**

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA

RTP

RTP
antena 1

RTP
antena 2

PARCEIRO DE IMAGEM
E MULTIMÉDIA

SONY

APOIO INSTITUCIONAL AO PROGRAMA
DE MEDIAÇÃO DE MÚSICA ERUDITA

El Corte Inglés

PARCEIRO PARA A
SUSTENTABILIDADE

**ponto
verde**





NOTAS AO PROGRAMA

O trio com piano (ou seja, violino, violoncelo e piano) foi o género que Beethoven escolheu para se apresentar oficialmente ao mundo, tendo dado a designação «Opus 1» ao seu primeiro conjunto do género, publicado pelo editor Artaria, em 1795. Ao contrário do quarteto de cordas, para o qual Haydn e Mozart escreveram algumas das suas obras mais geniais, o trio com piano era uma formação a que os seus dois grandes predecessores não tinham dado tanta importância. Permitindo a Beethoven brilhar no instrumento que dominava como ninguém, foi para ele um terreno de eleição, a que conferiu um novo grau de profundidade e ambição, adotando um figurino em quatro andamentos, semelhante ao de quartetos e sinfonias.

Treze anos depois, em pleno período «heroico» (o período central da vida de Beethoven, em que este compôs muitas das suas obras mais célebres), regressou ao género com os dois trios Op. 70, que dedicou à condessa Marie Erdödy, em cuja mansão residiu na altura, e participou como pianista na estreia, em dezembro de 1808. Foi uma maneira de agradecer a Marie Erdödy o alojamento e, sobretudo, o seu o papel

decisivo na atribuição de uma pensão anual por parte de três aristocratas – o arquiduque Rudolfo, o príncipe Kinsky e o príncipe Lobkowitz – para que ele continuasse a residir na capital austríaca e não fosse para Cassel como mestre de capela de Jérôme Bonaparte, irmão de Napoleão (!).

O trio Op. 70, n.º 1 em ré maior, conhecido em alemão como *Geistertrio (Trio Fantasma)*, é um dos três mais apreciados de Beethoven, a par do trio Op. 1, n.º 3 (em dó menor) e do posterior trio *Arquiduque* (o mais longo e marcante dos seis trios, composto em 1811). A designação deve-se ao fantasmagórico segundo andamento, que, segundo Czerny, lembrava «uma aparição dos infernos. Não seria inapropriado pensar na primeira aparição do fantasma em *Hamlet*».

Os cadernos de esboços de Beethoven parecem confirmar essa ligação a Shakespeare, mas com outra peça: os apontamentos desse *Largo* surgem lado a lado com apontamentos para uma projetada ópera baseada em *Macbeth*. Desde a sua juventude em Bona, Beethoven pôde assistir a peças de Shakespeare, um dos seus autores de cabeceira. Segundo o próprio, inspirou-se na cena do túmulo de *Romeu e Julieta* ao compor o *Adagio* do seu 1.º quarteto de cordas, em 1799; e foi influenciado por *A Tempestade* ao compor a Sonata n.º 17 para piano, em 1802. Curiosamente, em ambos os casos, a tonalidade é ré menor, a mesma do *Largo* do *Trio Fantasma*, tonalidade que adquiriu para ele uma conotação shakespeariana.

Embora tenha só três andamentos (e não quatro, como os trios Op. 1), o trio Op. 70, n.º 1 dura tanto como os anteriores: cerca de meia hora. Obra de grande coesão, é percorrida por uma energia centrifugadora, sintetizada no motivo de quatro notas que se multiplica no início do *Allegro vivace e con brio*, numa tumultuosa subida em oitavas que culmina num inesperado fá natural – nota que não pertence à tonalidade de base (ré maior) e prenuncia as principais excursões tonais da obra (fá maior, si bemol maior, ré menor). É um início tipicamente beethoveniano, como num ensaio cujo parágrafo inicial anuncia o tema de toda a dissertação. Numa sucessão de tese e antítese, a ideia *legato* que se contrapõe ao gesto inicial contém outro dos motivos principais da obra, que está na origem do amável segundo tema. A exposição, compacta, termina com uma poalha de arpejos em pianíssimo e é repetida. O desenvolvimento tem tantos eventos e contrastes que

¹ Jan Swafford, *Beethoven, Anguish and Triumph*, Faber & Faber, 2014

torna igualmente indispensável a repetição, seguindo-se uma coda que sintetiza tudo.

Beethoven foi o compositor que mais influenciou os compositores da era romântica, mas as dimensões do «estranho» e do «bizarro», tão típicas do Romantismo, são raras na sua produção e tornam muito singular o *Largo assai ed espressivo* deste trio. «Este andamento, com a sua concentração obsessiva num só motivo, os seus estranhos murmúrios e palpitações, as suas texturas rarefeitas e invulgares, a sua terminação extremamente sinistra, pode ter nascido como ideia para o libreto de Collin sobre o *Macbeth* de Shakespeare. Se assim foi, esta música teria sido para a cena do caldeirão das bruxas que abre a peça. Teria tornado essa cena tão sombriamente inesquecível como o calabouço de Florestan em *Fidelio*.»¹

Podemos acrescentar que há algo de «goyesco» neste *Largo*, em linha com os muitos paralelos biográficos e temáticos que existem entre Beethoven e Goya, esse outro titã da era romântica que, tal como ele, sofreu de surdez e cujo isolamento deu origem a obras de arte de uma modernidade revolucionária.

Na resposta à lúgubre interrogação inicial de violino e violoncelo, o desenho descendente do piano corresponde exatamente ao motivo de quatro notas do primeiro andamento. É como se Beethoven mergulhasse o seu «herói» numa espiral de visões fantasmagóricas, em cuja forma *sui generis* se misturam exposição, desenvolvimento e reexposição.

Há algo de libertador no *Presto* final, como quem desperta de um pesadelo: ré maior surge como antídoto, incorporando com naturalidade e despreocupação as inclinações para o modo menor, como quem conseguiu dominar os seus «fantasmas». Em vez de um *scherzo*, é uma perfeita forma sonata enérgica e otimista, em cuja secção de desenvolvimento regressam alguns dos calafrios do segundo andamento, o que torna ainda mais libertadora a reexposição.

O trio em si bemol maior Op. 11, *Gassenhauer*, faz parte das listas de trios com piano de Beethoven, mas é um caso à parte, pois foi escrito para clarinete, violoncelo e piano, apesar de também poder ser executado com violino. Foi composto entre o final de 1797 e o início de 1798, ou seja, é cerca de três anos posterior aos trios com piano Op. 1.

Comparado com o grau de ambição desses trios, o Op. 11 é mais descontraído e mundano. O último andamento é baseado numa melodia oriunda de um *dramma giocoso* de Joseph Weigl, *L'amor marinaro* (1797), que era trauteada nas ruas de Viena. Daí a alcunha com que esta obra ficou conhecida: *Gassenhauer*, «cantiga da rua».

É um Beethoven alegre e mozartiano, um pouco na linha da sua obra mais popular, o *Septimino*, Op. 20 (cuja popularidade veio a enfurecê-lo). Embora designado como *Grand Trio*, é mais curto e menos complexo do que os trios com piano.

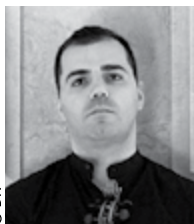
O primeiro andamento, *Allegro con brio*, é uma forma sonata cuja matriz é exposta com desplante pelos três instrumentos em oitavas, lançando falsas pistas cromáticas que são desmentidas pela limpidez tonal e cantarolante dos dois temas principais; gesto que se reflete na tonalidade inesperada em que começa o segundo grupo temático (ré maior, num andamento em si bemol maior).

É bem conhecido o tema do *Adagio*, apresentado pelo violoncelo, algo aparentado com o do «célebre minueto» do *Septimino*. Em compasso ternário e na relaxante tonalidade da subdominante (mi bemol maior), este andamento é uma forma-canção ABA cuja secção B inflete expressivamente para o modo menor.

No *Allegretto* final, o bonacheirão tema de Weigl é apresentado pelo piano e ecoado pelos outros antes de ser dissecado e reconstruído ao longo de nove variações. A primeira faz-se com volteios do piano solo, a segunda é um cânone de violino e violoncelo. A terceira opõe os três instrumentos com arrebatamento, a quarta é sussurrada no modo menor. A quinta explode no modo maior, a sexta é mais jocosa. A sétima regressa ao modo menor, com acentos marciais. Depois da alegre oitava variação, a nona é comicamente doutoral com os seus vários cânones. Segue-se uma coda em compasso de seis por oito, que começa numa tonalidade inesperada (sol maior) e esvoaça alegremente até ao fim.

Os seus acentos mozartianos condizem bem com a sua dedicatária, a condessa Wilhelmina von Thun, que foi amiga e protetora de Mozart (mãe do príncipe Lichnowski, amigo e mecenas de Beethoven).

Alexandre Delgado



JOSÉ PEREIRA
Violino

José Pereira iniciou os seus estudos musicais na Banda Musical Lanhelense. Prosseguiu a sua formação na Escola Profissional de Música de Viana do Castelo, com Armando Gonzalez, e na Academia Nacional Superior de Orquestra (ANSO), sob orientação de Aníbal Lima. Complementou a sua formação através de masterclasses com músicos de renome internacional, entre os quais Serguei Arantounian, Nicolas Chumachenko, Anatoli Swarzburg, Evélio Teles, Gerardo Ribeiro, Lee-Chin Siow, Vadim Repin e Thomas Brandis.

Foi distinguido no concurso Prémio Jovens Músicos da RDP – Antena 2, obtendo o 2.º Prémio em 2003 e o 1.º Prémio, na categoria de Violino – Nível Superior, em 2004.

Ao longo da sua carreira, colaborou com maestros como Peter Rundel, Emilio Pomarico, Brad Lubman, Paul Hillier, Michael Sanderling, Olari Elts, Joseph Swensen, Stefan Asbury e Peter Eötvös. Apresentou-se com diversas formações de referência, incluindo

a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Académica Metropolitana, a Orquestra Pedro Álvares Cabral e a Orquestra Utópica.

É membro fundador do Ensemble Contrapunctus e do Webern Trio, apresentando-se regularmente com o SOND'AR-te Electric Ensemble, o Ensemble Darcos e o MusikFabrik de Colónia. Em 2014, atuou como solista com a Orquestra de Sopros do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro e com a Orquestra Clássica de Espinho.

Para além de se apresentar regularmente nas principais salas e festivais de música em Portugal, desenvolveu uma intensa atividade internacional, atuando em cidades como Viena, Paris, Berlim, Amesterdão, Colónia, Zurique, Bruxelas, Madrid, Barcelona, Estrasburgo, Budapeste e Roterdão, entre outras. Com o Remix Ensemble, participou em importantes festivais europeus, incluindo o Wiener Festwochen, o Festival Agora (IRCAM), o Festival Musica de Estrasburgo e concertos na Filarmónica de Berlim.

A sua discografia com o Remix Ensemble inclui obras de compositores como Pascal Dusapin, Emmanuel Nunes, Bernhard Lang, Wolfgang Mitterer, Karin Rehnqvist e Luca Francesconi. O álbum dedicado a Pascal

Dusapin foi distinguido pela revista *Gramophone*, integrando a seleção Critics' Choice 2013.

Entre os projetos mais relevantes dos últimos anos, destacam-se as atuações a solo com a Orquestra Metropolitana de Lisboa e a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a participação como concertino convidado da Basel Sinfonietta, bem como as estreias mundiais da ópera *Giordano Bruno*, de Francesco Filidei, e de *RI-TRATTO*, para violino solo, de Heinz Holliger. Atualmente, José Pereira é 2.º Concertino da Orquestra Metropolitana de Lisboa, colaborando regularmente como concertino convidado da Orquestra Sinfónica Portuguesa e da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. É também professor de violino na Academia Nacional Superior de Orquestra.



© DR

MARCO PEREIRA
Violoncelo

Marco Pereira teve o seu primeiro contacto com o violoncelo aos 13 anos na EPMVC. Prosseguiu os seus estudos em Lisboa na ANSO com Paulo Gaio Lima e posteriormente

em Madrid, na Escuela Superior de Música Reina Sofía, com Natalia Shakhovskaya. Durante esse percurso, teve a oportunidade de trabalhar com alguns dos maiores mestres do violoncelo, como Natalia Gutman, Gary Hoffman, Philippe Muller, Ivan Monighetti, entre outros.

Desde o início, o quarteto de cordas ocupou um lugar importante na carreira de Marco Pereira, atingindo o seu auge com a formação do Quarteto de Cordas de Matosinhos, como membro fundador. Este quarteto foi nomeado «Rising Stars» na temporada 2015/2016 do ECHO, tendo a oportunidade de realizar uma série de concertos nas grandes salas da Europa, como o Barbican (Londres), o Concertgebouw (Amsterdão) e o Musikverein (Viena). Marco Pereira deu inúmeros concertos a solo, recitais e concursos que impulsionaram a sua carreira, permitindo-lhe conquistar um lugar de destaque no meio musical português e internacional. Entre os concursos, destaca-se o concurso JMP, onde obteve o 1.º Prémio de Música de Câmara em 1999 e o 1.º Prémio de Violoncelo – Nível Superior em 2003, ano em que também recebeu o Prémio Maestro Silva Pereira. A nível internacional, destacou-se com o 1.º Prémio no Liezen International Wettbewerb für Violoncello, na Áustria, na categoria III Konzert. Também venceu o 1.º Prémio no

VI Certamen de Música de Cámara del Sardinero, em Santander, em 2006. Foi ainda premiado no Concurso de Interpretação de Estoril, Júlio Cardona, entre outros. Marco Pereira atuou a solo com a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra de Joensuu (Finlândia), a Orquestra do Atlantic Music Festival (Estados Unidos), entre outras.

Realizou diversas gravações para violoncelo solo, quarteto de cordas e outras formações. Foi violoncelo solo na Orquestra Metropolitana de 2009 a 2012. Foi violoncelo solo/chefe de naipe na Orquestra Gulbenkian de 2015 a 2026. É violoncelo solo na Orchestre Philharmonique Royal de Liège. Está atualmente em trial na CBSO (City of Birmingham Symphony Orchestra) como chefe de naipe. É regularmente convidado a liderar o naipe de violoncelos da Orquestra de Valência, Orquestra de Bilbao (OBS), Nederlands Philharmonisch, Orchestra del Maggio Musicale Fiorentino, entre outras. Foi professor de violoncelo na Universidade de Aveiro, na Universidade do Minho e na ANSO. Atualmente Marco Pereira é artista Thomastik-Infeld.



JOSÉ PEDRO RIBEIRO

Piano

José Pedro Ribeiro (1995) afirma-se como um dos pianistas portugueses mais ativos da sua geração. Na temporada 2025/2026, apresenta *The People United Will Never Be Defeated!*, de Frederic Rzewski, na Sala Principal do Teatro São Luiz, em Lisboa. Dos mais destacados compromissos das últimas temporadas, salientam-se os concertos com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras, Sinfonietta de Lisboa, Ensemble de Sopros da AFCL e Orquestra Sinfónica da ESML, tendo apresentado concertos para piano de Beethoven, Bomtempo, Lopes-Graça, Schoenberg e Stravinsky. Destacam-se ainda uma tournée pela Chéquia e um recital em Roma. Mantém uma colaboração regular com o Melleo Harmonia — ensemble que reúne músicos da Orquestra Sinfónica Portuguesa, da Orquestra Metropolitana de Lisboa e de outras formações nacionais — em programas de Música de Câmara no Festival Música no Termo, na temporada do Teatro Nacional

de São Carlos e em recitais frequentemente transmitidos pela Antena 2. Depois de ter sido laureado no Prémio Jovens Músicos em Piano (2019) e em Música de Câmara (2017 — Trio Adamastor), José Pedro Ribeiro apresenta-se regularmente em salas e festivais como a Fundação Calouste Gulbenkian, Casa da Música, Centro Cultural de Belém, Teatro São Luiz, Assembleia da República, Academia das Ciências de Lisboa, Museu do Oriente, Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim, Festival Música Viva, Festival do Estoril e World New Music Days. Natural de Vizela, estudou na sua cidade natal com José Manuel Ramos Ferreira, Filipe Pinto e Rogério Rodrigues. Mais tarde, entre 2012 e 2015, estudou em Guimarães com Ingrid Sotoláňová. Posteriormente, e até 2019, foi aluno da Escola Superior de Música de Lisboa na classe do pianista Miguel Henriques. Presentemente, é aconselhado por Artur Pizarro.



ALEXANDRE DELGADO

Nasceu em Lisboa em 1965 e estudou composição com

Joly Braga Santos. Diplomou-se em 1990 com o 1.º Prémio de Composição do Conservatório de Nice, na classe de Jacques Charpentier.

A sua carreira foi projetada pelo êxito internacional da sua ópera *O Doido e a Morte* (1994), que dirigiu em Lisboa, Berlim, Belém do Pará e no Rio de Janeiro, a que se seguiram as óperas *A Rainha Louca* (2009) e *Felizmente Há Luar* (2024). A sua vasta produção instrumental e vocal — publicada pela AvA Editions — inclui obras que se tornaram peças de repertório a nível internacional, como *Langará* para clarinete e *The Panic Flirt* para flauta. Como violetista, venceu o Prémio Jovens Músicos em 1986 e estreou como solista o seu *Concerto para Viola* em Portugal, em Espanha e nos Países Baixos. Foi membro fundador do Quarteto Lacerda e integrou durante 15 anos o Quarteto com Piano de Moscovo. Foi diretor artístico do Cisternmúsica / Festival de Música de Alcobaça e crítico musical do *Público*. Assina desde 1996 o programa *A Propósito da Música* da RTP Antena 2 e é autor dos livros *A Sinfonia em Portugal*, *A Culpa é do Maestro* e *Luís de Freitas Branco*. Prossegue uma carreira *free-lance* como compositor e comentador de concertos.



SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB

GARANTA A MELHOR EXPERIÊNCIA

ccb.pt/newsletter





**MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
E CENTRO DE ARQUITETURA
LISBOA**

O museu mais internacional de Lisboa

**Coleções de Arte Moderna
e Contemporânea**

**Exposições temporárias
de Arte e Arquitetura**

**Programas Públicos,
Educação e Mediação**

**Centro de Arquitetura
e Jardim da Água**



**O ponto de encontro
das artes é o MAC/CCB**

Niki de Saint-Phalle, *Les Baigneuses*, 1985.
Coleção Berardo (em depósito no MAC/CCB).



@macccb.museu
#macccbelem